



## **MEU ENCONTRO COM O GTNM-RJ**

**José Carlos Gonçalves Diniz**

Sou José Carlos Diniz Gonçalves, 74 anos, médico cardiologista. Frequentemente encontro a amiga Cecília Coimbra em Friburgo, sempre no mesmo aprazível restaurante, mas desta vez a conversa foi diferente: Você daria seu depoimento para o livro sobre os 30 anos do Grupo Tortura Nunca Mais? Como um raio, as lembranças voltaram vívidas! Mas eu? Tem certeza? Cecília é entusiasmada e convincente em sua argumentação. Concordei claro. Depois acertamos detalhes pelo whats App e telefone.

Em 1998 ocupava o posto de Diretor da Divisão Médica do Hospital Geral de Bonsucesso, hoje Hospital Federal de Bonsucesso e ao mesmo tempo fazia parte o corpo de conselheiros do CREMERJ. Numa quarta-feira, após a sessão semanal, já tarde da noite, Dr. Laerte Andrade Vaz de Melo, meu colega de turma e então Presidente do CREMERJ, chamou-me para uma conversa. Falou do Grupo Tortura Nunca Mais, suas lutas, sua história e a recente descoberta do cemitério clandestino de Ricardo de Albuquerque onde jaziam as ossadas de combatentes da ditadura. Os ossos não podiam ficar lá, havia necessidade de resgata-los e através da ciência da antropologia forense identificar os que lá estavam. O problema é que nenhum lugar se dispunha a guarda-los e o GTNM-RJ estava em dificuldades de mantê-los.

Em resumo, Dr. Laerte queria eu guardasse os restos mortais dentro do Hospital! Tocado pela história, conhecedor das lutas do GTNM e pela amizade com Laerte, disse que tentaria, não podia prometer pois hierarquicamente o Diretor Geral estava acima de mim. A noite foi difícil. Arquitetei várias maneiras de abordar o assunto junto ao Diretor Geral, o amigo de saudosa memória, Dr. Paulo Darci de Almeida.

Após nosso round matinal no gabinete, ficamos sozinhos. Paulo Darci era uma pessoa de bom trato, amável, justo e sério, mas com uma forte inclinação direitista e conservadora, isso podia ser um empecilho. Ousei e fui direto ao ponto. Expliquei o problema, falei do GTNM, do CREMERJ e sua força política, dei minha opinião e aguardei o resultado do meu discurso inflamado. Paulo me olhou sério e disse: Está bem, mas você é o responsável, arranje um lugar e não dê publicidade!

Trabalhava no Hospital desde 1967, como operador de aparelhagem médica, (formei-me só em 1969) minha missão era empurrar carrinho de ECG e operá-lo pelo hospital. Conhecia cada sala, cada canto e cada buraco daquela casa. Em pouco tempo levei ao Dr. Paulo o local que achei mais adequado. Ficava no subsolo, local êrmo, sem trânsito, gradeado e seguro. Tudo acertado comuniquei ao Dr. Laerte. Nos reunimos com os componentes do GTNM e que após visitarem o local o aprovaram.

Para quem queria sigilo e discrição a chegada dos vários sacos contendo os ossos não poderia ser mais chamativa. Vieram num caminhão do Corpo de Bombeiros e havia imprensa. Dr. Paulo ficou lívido, mas aguentou firme.

Lembro-me que entre assustado e temeroso, falei com Cecília Coimbra: Deveríamos manter sigilo no que ela retrucou: O que é isso Diniz? A divulgação disso é a sua segurança! Nada farão contra vocês nesta hora, mas se guardar segredo pode morrer em vão! Caramba! Ela está certa e assim foi feito. A notícia foi dada e o assunto esfriou. Dias depois chegou ao Hospital a equipe de Antropologia Forense trazida pelos amigos do GTNM. Eram profissionais argentinos com larga experiência em identificação através do estudo dos ossos.

Alguns sacos foram trazidos até a sala do antigo serviço de anatomia patológica e os ossos arrumados em duas mesas de autópsia. Com extremo respeito e solenidade tocamos naqueles restos mortais. Parece que eles falavam das agruras e covardia a que foram submetidos. Havia consternação no ar.

Após ouvir as explicações técnicas, espantei-me com a assertiva de que através daqueles ossos podia-se fazer a reconstituição da sua face! Ao meu lado estava o Moraes, combativo e ativo membro do GTNM-RJ. Virei-me para ele e disse: Duvido que isso seja possível. O que ele disse naquele momento até hoje soa nos meus ouvidos: Pode sim, foi assim que reconheci minha filha .... Chocado, chorando o abracei e pedi perdão.

Durante muito tempo o serviço dos antropólogos continuou sendo feito naquela mesma sala até que não houvesse mais possibilidade de reconhecimento. Os ossos foram novamente recolhidos e guardados na mesma sala de onde vieram e lá ficaram até serem definitivamente transferidos para o Memorial construído para os abrigar, todos juntos, aqueles que combateram a infame ditadura e suas torturas. Um libelo à liberdade e ao livre pensar, um grito de dor e de esperança de que nunca mais tenhamos essa mancha em nossa história.

\*\*\*

**José Carlos Gonçalves Diniz.** Médico Cardiologista. Ex-conselheiro do CREMERJ, Ex-vice diretor do Hospital Geral de Bonsucesso.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** Março de 2018.

**Artigo aprovado para publicação em:** Abril de 2018.

\*\*\*

#### **Como citar:**

DINIZ. José Carlos Gonçalves. Meu Encontro com o GTNM-RJ. **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”.** Rio de Janeiro, nº. 12, pp. 197-199, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.33662

